

Os movimentos autônomos europeus

Entrevista com Sébastien Schifres^{1 2 3}

Breno Santos: Primeiro, fale-nos um pouco sobre a pesquisa e a trajetória política de Sébastien Schifres.

Sébastien Schifres: Comecei a me interessar pelos autônomos⁴ na década de 90. Naquela época, minhas referências políticas estavam divididas entre anarquismo e conselhismo. Em 1995, houve um certo ressurgimento do anarco-sindicalismo na França na época da greve dos funcionários públicos contra a reforma da previdência social. Achei o anarco-sindicalismo da CNT francesa (Confédération Nationale du Travail) muito burocrático. Esta forma de organização não me satisfaz. Eu estava procurando algo muito mais espontâneo e muito mais libertário. Eu estava procurando uma síntese entre anarquismo e conselhismo, algo muito próximo das posições da Internacional Situationista de Guy Debord e Raoul Vaneigem. Para mim, as posições situacionistas só poderiam emergir dentro da estrutura de um movimento de conselhos. Minha atividade deve, portanto, ser compreendida sob esta perspectiva. A corrente conselhistas é o que se chama de “ultra-esquerda”. A mídia geralmente usa o termo “ultra-esquerda” para se referir ao autonomismo, mas isto é um erro bastante grosseiro porque estas duas correntes não têm nem as

¹ Sébastien Schifres é doutor em Ciências Políticas pela Universidade Paris 8 - Vincennes, especialista em movimentos revolucionários, autor dos livros *Mouvement autonome en Italie et en France (1973-1984)* e *Movimiento Autónomo en France (1976-1984)* e assessor histórico do documentário *Lutter... Ici et Maintenant!* (Philippe Roizès, 2013).

² Tradução: Flávia Brancalion.

³ Agradeço a colaboração de Rodolfo Valente e do prof. Dr. Sávio Cavalcante.

⁴ As categorias autônomos, autonomia e autonomistas referem-se aos movimentos e correntes teóricas e que se caracterizam pela defesa dos conselhos operários, a crítica às instituições como sindicatos e partidos e às formas de controle burocrático.

mesmas posições nem a mesma história. O conselhismo é uma corrente marxista anti-leninista que se refere aos conselhos de trabalhadores que surgiram na Alemanha em 1918. A história do conselhismo vai de Rosa Luxemburgo a Cornelius Castoriadis, via Anton Pannekoek. É a ideia de democracia direta, é a rejeição da ditadura do partido. Isso é claro. Pelo contrário, os grupos autonomistas que surgiram nos anos 70 mantêm uma confusão permanente entre democracia direta e ditadura partidária: alguns são abertamente leninistas, outros mais ou menos democráticos, até mesmo anarquistas. O que deve ser entendido é que está precisamente na natureza do leninismo manter esta confusão. Para Lenin, a democracia direta dos soviéticos é apenas um trampolim para a construção da ditadura do partido. Leninistas italianos como Toni Negri e Oreste Scalzone entenderam isso. Eles vão, portanto, tentar, cada um à sua maneira, construir um partido político, recuperando as assembleias autônomas. Quanto aos autonomistas franceses, estão divididos entre uma interpretação leninista e uma interpretação anarquista de Autonomia. Minha experiência de Autonomia francesa nos anos 90 faz, portanto, parte desta história. A particularidade do meu ponto de vista é defender uma concepção conselhistas de Autonomia. De fato, pelo menos desde os anos 80, a corrente conselhistas se tornou muito marginal para poder construir algo substancial por si só. Portanto, pareceu-me mais relevante defender esta posição do conselhismo dentro do movimento autonomista. Tanto os conselhistas quanto os autonomistas têm em comum a ideia de tentar se organizar fora dos sindicatos. Em comparação com o anarcosindicalismo da CNT, o movimento autonomista tem a vantagem de defender uma certa espontaneidade que não se atem a considerações de ordem legal. De fato, na minha opinião, a CNT francesa dos anos 90 permaneceu prisioneira desta contradição: como se pode fazer uma revolução quando se está preso no quadro legal do sindicalismo? É, portanto, nesta lógica que participei em 1998 da Assembleia Geral dos desempregados em Jussieu, que reuniu os autonomistas parisienses. Entretanto, do ponto de vista conselhistas, o movimento autonomista

tem seus limites. A perspectiva conselhistas é a dos “conselhos de trabalhadores”, ou seja, as assembleias de operários, ou assembleias de trabalhadores (sejam eles operários ou não). A perspectiva conselhistas é a greve geral expropriatória e de autogestão. É, portanto, uma perspectiva centrada principalmente nas lutas dos trabalhadores. Entretanto, desde os anos 80, o movimento autonomista se afastou totalmente das lutas dos trabalhadores para se tornar essencialmente um movimento de ocupações.

Breno Santos: O filósofo Cornelius Castoriadis enfatizou em *A Experiência do Movimento Operário* que a noção de “autonomia” é instituída como a emancipação do sujeito das instituições sociais, do controle burocrático e dos determinismos teóricos. Então, o que podemos entender sobre a noção de autonomia? E qual é a diferença entre os movimentos autonomistas dos anos 70 e outros movimentos revolucionários?

Sébastien Schifres: Tudo depende de qual autonomia estamos falando. A pergunta que temos que nos fazer é: de quem é a autonomia? E autonomia em relação a quê? De um ponto de vista teórico, as diferentes concepções de autonomia podem ser multiplicadas *ad infinitum*. Meu trabalho trata da concepção de autonomia em movimentos revolucionários: já é em si uma concepção muito particular de autonomia. Historicamente, os movimentos revolucionários referem-se à autonomia do proletariado em relação à burguesia. Mas adiante as coisas se complicam porque os movimentos revolucionários são atravessados por diferentes concepções de autonomia dos trabalhadores. Para os sindicalistas-revolucionários, a autonomia dos trabalhadores é encarnada no sindicato: é autonomia em relação aos partidos políticos. Para os bolcheviques, é o oposto: a autonomia dos trabalhadores é incorporada ao partido, é a autonomia em relação aos sindicatos. Para os conselhistas, o proletariado deve afirmar sua autonomia tanto em relação aos partidos quanto em relação aos sindicatos. Estas diferentes concepções de autonomia dos trabalhadores giram em torno da ideia de autonomia do sistema

capitalista e do Estado burguês. Isto significa que o proletariado ou a classe trabalhadora deve fazer suas próprias leis, sem se preocupar com as leis do Estado burguês. A autonomia é, portanto, acima de tudo, ilegalismo: uma rejeição revolucionária das leis burguesas. E é especialmente neste sentido que a Autonomia italiana deve ser entendida: os proletários devem se recusar a pagar seu aluguel, devem se recusar a pagar quando vão ao supermercado, devem se recusar a trabalhar para um patrão, e finalmente também têm o direito de usar a violência para se defenderem contra seu patrão ou contra a polícia burguesa. Acredito que esta concepção insurrecionalista da autonomia dos trabalhadores está muito distante da de Castoriadis. Cornelius Castoriadis desenvolveu uma teoria da autogestão, não uma teoria da insurreição. Para o Estado italiano, o movimento autonomista dos anos 70 foi em parte terrorismo, mas apenas em parte porque, é claro, matar um policial não é a mesma coisa que se recusar a pagar aluguel.... A particularidade dos movimentos autonomistas dos anos 70 em relação às outras correntes de extrema esquerda de seu tempo só pode ser definida de acordo com seus respectivos países. No caso da França, o critério de ilegalismo, por si só, é suficiente para identificar os autonomistas. Mas o mesmo não pode ser dito dos autonomistas italianos. De fato, na Itália, estão em competição com duas outras correntes ilegalistas: por um lado a corrente representada pelas Brigadas Vermelhas, e por outro lado a corrente anarquista insurrecionista. Na França, os anarquistas insurrecionistas participam do movimento autonomista; na Itália, não. A clivagem ideológica entre anarquistas e autonomistas é de fato muito mais nítida na Itália do que na França. Não há anarquistas autonomistas na Itália. O autonomismo italiano tem apenas uma filiação marxista. Isto é o que o distingue dos anarquistas insurrecionistas. O autonomismo italiano também se distingue das Brigadas Vermelhas por sua prática extra sindical e por sua rejeição do modelo soviético. De fato, as Brigadas Vermelhas não participam dos coletivos autônomos e estão, ao contrário, implantadas na CGIL, o sindicato ligado ao Partido Comunista Italiano.

Breno Santos: Sua pesquisa de doutorado tratou do fenômeno dos movimentos autonomistas nos anos 70 na Itália e na França. Havia uma diferença substancial entre os movimentos autonomistas nesses dois países?

Sébastien Schifres: A principal diferença entre a Autonomia Italiana e a Autonomia Francesa é de natureza quantitativa. Não creio que houvesse mais de 2.000 autonomistas na França nos anos 70. Na Itália, é uma ordem de grandeza completamente diferente, pois para o mesmo período estamos falando de um movimento que poderia reunir até 100.000 pessoas. Enquanto a Autonomia francesa era algo muito marginal naquela época, na Itália era um movimento de massas. Os autonomistas franceses são essencialmente estudantes e posseiros. Na Itália, é um movimento baseado no local de trabalho e que reúne trabalhadores, trabalhadores ferroviários, eletricitas, enfermeiros... Os estudantes e os desempregados estão presentes na Autonomia Italiana, mas são apenas uma categoria entre outras. Na França, os autonomistas são uma minoria dentro da extrema esquerda, na época dominada principalmente pelos partidos trotskistas. Na Itália, a Autonomia rapidamente transbordou os partidos de extrema esquerda que se encontravam em processo de institucionalização: a Autonomia tornou-se o principal componente da extrema esquerda italiana. Há também uma grande diferença ideológica entre a Autonomia Italiana e a Autonomia Francesa. Como eu já disse, a Autonomia Italiana tem apenas uma filiação marxista. Na França, há dois componentes: uma tendência marxista e uma tendência anarquista, e cada um destes dois componentes não tem mais importância do que o outro. Esta diferença ideológica entre os dois países é explicada pelo peso histórico do Partido Comunista Italiano, que foi construído na resistência antifascista. A França, pelo contrário, tem uma tradição democrática mais antiga que permitiu um maior pluralismo do movimento revolucionário. A Autonomia italiana emergiu do Partido Comunista Italiano através de críticas à sua evolução reformista. Foi inicialmente um movimento democrático, mas logo se juntou à corrente leninista que emergiu

do operáismo. Em seguida, desenvolveu-se o que se chama de *Autonomia desejan*te, mais voltado para uma dimensão cultural, com um componente feminista e homossexual. A Autonomia francesa é diretamente inspirada pelo modelo italiano, mas reinterpretando-o com uma chave de leitura francesa marcada pelo anarquismo e pelo movimento de prostitutas.

Breno Santos: Voltemos a Castoriadis, cujo trabalho nos anos 70 marcou uma ruptura com o marxismo, tornando-se um crítico do modelo bolchevique e da teoria de Marx. É possível dizer que o trabalho de Castoriadis influenciou as correntes dos movimentos autonomistas na França?

Sébastien Schifres: Não, Castoriadis não teve influência sobre o movimento autônomo. Castoriadis desempenhou um papel importante especialmente durante o período do grupo “Socialismo ou Barbárie” (1946-1967). Cornelius Castoriadis e Claude Lefort fundaram “Socialisme ou Barbarie” em 1946. Foi inicialmente uma tendência do Partido Comunista Internacionalista, que na época representava a corrente trotskista na França. O “Socialismo ou Barbárie” deixou o Partido Comunista Internacionalista em 1948 para evoluir progressivamente para posições conselhistas. No entanto, nos anos 50, Castoriadis e Lefort discordaram sobre a questão do partido. Enquanto Claude Lefort rejeitou o conceito do partido, Castoriadis continuou a defender esta forma de organização. Este desacordo fundamental levou a uma cisão em 1958: a tendência de Claude Lefort deixou “Socialismo ou Barbárie” para criar o grupo “Informations et Liaisons Ouvrières” (OIT). Mas as coisas mudaram nos anos 60 e Castoriadis acabou desenvolvendo uma teoria de autogestão que rompeu com o marxismo. Inquestionavelmente, portanto, podemos dizer que Castoriadis influenciou os movimentos de autogestão dos anos 70, mas isto não diz respeito aos autonomistas, que não estão de modo algum em uma lógica de autogestão, mas pelo contrário, em uma lógica insurrecional. Os autonomistas não buscam a autogestão das fábricas, mas a preparação para a guerra civil: não estamos de modo

algun no mesmo paradigma. O percurso de Castoriadis o aproxima mais do movimento ecológico. A publicação em 1981 de *From Ecology to Autonomy* é reveladora: este livro é a retranscrição de um debate entre Castoriadis e Daniel Cohn-Bendit, que se juntou aos Verdes em 1986. O abismo entre os autonomistas e os ecologistas é claro nas manifestações antinucleares: os autonomistas são os amotinados, os ecologistas são os não-violentos. Enquanto os autonomistas se engajam na luta armada com a criação do grupo “Ação Direta” (AD) em 1979, os ecologistas começarão a concorrer às eleições depois de terem fundado os Verdes em 1984. O caminho de Castoriadis a partir dos anos 80 não estava mais do lado dos movimentos revolucionários, mas do lado do reformismo. Ele é como os muitos ativistas de extrema-esquerda que aderiram ao Partido Socialista após a eleição de François Mitterrand em 1981.

Breno Santos: Por outro lado, na Itália, haveria a presença ativa de intelectuais em movimentos autonomistas, como o de Mario Tronti e Antonio Negri. Que semelhanças e diferenças teóricas você encontrou em sua pesquisa sobre a noção de autonomia entre esses autores e Castoriadis?

Sébastien Schifres: Mario Tronti não participava do movimento autonomista. Ele é membro do Partido Comunista Italiano e é considerado o principal teórico da operaísmo. É neste sentido que ele influenciou o movimento autonomista. O operaísmo é essencialmente uma crítica à evolução reformista do Partido Comunista Italiano. É um retorno a Lênin e à luta de classes, com uma concepção da luta centrada na recusa de trabalho. Esta concepção é oposta ao produtivismo do Partido Comunista Italiano. De fato, nos anos 60, o Partido Comunista Italiano desenvolveu um discurso de aceitação do desenvolvimento das forças produtivas, considerando que este desenvolvimento deveria naturalmente tender para o socialismo. Mario Tronti se opõe a esta lógica de apoio ao capitalismo de Estado. Com Toni Negri, passamos da teoria à ação. Não é mais apenas uma questão de criticar a linha do Partido Comunista Italiano, mas de construir o partido da insurreição,

ou seja, de passar à luta armada. As teorias de Toni Negri são muito mais radicais do que as de Mario Tronti. Ao contrário de Mario Tronti, que permaneceu membro do Partido Comunista Italiano, Toni Negri tornou-se o principal líder do movimento autonomista. O leninismo de Tronti e Negri não tem nada a ver com o conselhismo de Castoriadis. Para Castoriadis, o papel do partido era gerar a criação de conselhos de trabalhadores, e eram esses conselhos de trabalhadores que deveriam liderar o processo revolucionário em total autonomia do partido. Nunca foi uma questão para Castoriadis defender a ideia de um partido que dirigisse a classe trabalhadora.

Breno Santos: Os anos 60 foram marcados pela agitação estudantil, como na Universidade da Califórnia em Berkeley em 1964, no Egito e na Polônia em 1968, a invasão policial na Universidade de Madri, manifestações estudantis e greves de trabalhadores no Brasil, e o movimento de direitos civis negros, o assassinato de Martin Luther King e dos Panteras Negras nos Estados Unidos, as manifestações na Alemanha contra a morte do líder da Liga dos Estudantes Socialistas Alemães (SDS), a Primavera de Praga, o conflito estudantil em Nanterre e a invasão policial na Sorbonne, etc. A sequência de eventos ocorridos nos anos 60 e que culminaram na explosão juvenil de 68 delinea o tempo e o espaço. Como você analisa maio de 68? Você acha que os movimentos autonomistas foram fenômenos ligados a '68?

Sébastien Schifres: 1968 foi uma combinação de três fatores: a ascensão da classe trabalhadora, o advento da sociedade de consumo e a chegada da idade adulta da geração do baby boom. Isto corresponde ao modelo de frustração relativa teorizado por Ted Gurr. A sociedade de consumo traz consigo uma evolução cultural que contradiz os valores tradicionais da sociedade industrial no momento em que esta sociedade industrial está em seu auge. A nova geração não aspira mais ao progresso econômico quantitativo, mas à qualidade de vida. Estas aspirações são tanto mais difíceis de conter quanto mais potente é esta geração: a geração de 1968 é forte em termos de seu peso demográfico, mas também forte em termos do que a classe trabalhadora pesa na

sociedade naquela época. Na França, nunca houve tantos trabalhadores em fábricas como em 1968. Na França e na Itália, as organizações revolucionárias que surgiram a partir de 1968 começaram a se institucionalizar em 1973. Este é o caso na França de organizações trotskistas e maoístas. Este é o caso na Itália dos grupos *Manifesto* e *Lotta Continua*. Estas diferentes organizações abandonaram a estratégia insurrecional. Grupos autonomistas aparecem neste contexto. Eles são frequentemente animados por militantes mais jovens que estão em desacordo com a geração de 1968. Entretanto, na Itália, através das viagens de Toni Negri, Oreste Scalzone ou Vincenzo Miliucci, vemos bem que há uma continuidade com os movimentos dos anos 60. A ruptura com 1968 é mais com o movimento de 1977, em que vemos muito claramente duas gerações que se opõem uma à outra. É muito claro na França, pois não havia nenhum movimento autonomista antes de 1977. Entretanto, a principal organização maoísta da qual vieram os autonomistas franceses, a *Gauche Prolétarienne*, dissolveu-se em 1973. Entre 1973 e 1977, portanto, houve um processo de maturação bastante longo na França antes da criação dos primeiros coletivos autônomos. Mas globalmente, na França e na Itália, a ideia norteadora dos grupos autônomos é pegar a tocha insurrecional abandonada pelas organizações que surgiram em 1968.

Breno Santos: Poderíamos afirmar que Maio de 68 foi um fenômeno que favoreceu a produção crítica da teoria marxista, especialmente em sua derivação leninista?

Sébastien Schifres: Na França, Maio de 68 não desafiou diretamente o marxismo e o leninismo. A maioria das organizações revolucionárias de maio de 68 é marxista e leninista, seja na forma trotskista ou maoísta. Entretanto, grupos anarquistas ou conselhistas também estão presentes. Mas tudo isso é apenas a ponta do iceberg, porque na realidade todas as organizações de extrema-esquerda foram ultrapassadas pela espontaneidade do movimento. Devemos, portanto, questionar a essência desta espontaneidade. E se olharmos para a dimensão espontânea do movimento, podemos ver muito

claramente que Maio de 68 representa uma onda de autogestão e de temas libertários. Os sindicatos são extrapolados, todas as formas de autoridade são questionadas, todo mundo se emancipa: trabalhadores em relação a seus patrões, mulheres em relação a homens, crianças em relação a seus pais, tudo em um contexto de aspiração geral de libertação sexual. Maio de 68 não questiona o marxismo. Pelo contrário, todos estes temas se encaixam em uma lógica marxista. É a *Internacional Situacionista* que melhor a expressa: para Debord e Vaneigem, a revolução na vida cotidiana é parte integrante da teoria marxista. A luta de classes perturba todas as relações sociais. Ao derrubar a ordem estabelecida, os trabalhadores trazem dentro de si uma revolução antiautoritária que abole o patriarcado. Por outro lado, como todos os movimentos espontâneos, Maio de 68 é a própria antítese do leninismo. Mas em um contexto histórico de dominação dos partidos pró-soviéticos, o leninismo obviamente não pode desaparecer da noite para o dia. O leninismo resistiu a Maio de 68 transformando-se em uma forma trotskista ou maoísta. A ascensão dos grupos trotskistas e maoístas é anterior a 1968. É um fenômeno que surgiu já em 1963 no momento do rompimento entre a China e a URSS. As duas principais organizações maoístas são então a União da Juventude Comunista Marxista-Leninista (UJCML, fundada em 1966) e o Partido Comunista Marxista-Leninista da França (PCMLF, fundado em 1967). Foi também em 1966 que nasceu a principal organização trotskista, a Juventude Comunista Revolucionária (JCR). Mas há uma grande diferença entre o trotskismo e o maoísmo. Enquanto o trotskismo é uma crítica ao stalinismo, o maoísmo é, ao contrário, uma defesa do stalinismo contra a doutrina da coexistência pacífica promovida por Khrushchev em 1956. O movimento de Maio de 68 traz em si as ilusões e contradições de seu tempo: é um movimento libertário, mas que abriga em seu âmago ideologias totalitárias. Muitos militantes maoístas não estão cientes desta contradição. Alguns deles até acreditam ver uma revolução libertária na Revolução Cultural chinesa de 1966. A natureza totalitária do regime chinês parece óbvia para todos hoje, no entanto.

Breno Santos: No Brasil, uma das manifestações do autonomismo ocorreu num coletivo político formado por intelectuais que enfatizaram a importância da autonomia dos movimentos insurgentes populares nos anos 70 e 80. Eles o trataram como um novo fenômeno que diferia das noções de vanguarda do Partido Comunista. Você acha que a autonomia ligada a Maio de 68 mostra uma oposição à teoria marxista da luta de classes e à centralidade do Partido Comunista?

Sébastien Schifres: Mesmo que em 1968 o movimento autonomista ainda não existisse, o movimento de Maio de 68 foi marcado por uma tendência muito clara à autonomia, no sentido de que foi uma insurreição da qual o conjunto de partidos políticos e sindicatos não deram conta. Maio de 68 é uma luta de classes: uma greve geral que paralisa a França de 13 de maio a 17 de junho. Neste sentido, Maio de 68 está totalmente de acordo com a teoria de Marx. Por outro lado, Maio de 68 é claramente uma declaração de guerra contra o PCF e a URSS. A nível sindical, o PCF foi representado na França pela CGT. Em 1968, a CGT se comprometeu com todas as suas forças a pôr fim à greve geral e a evitar que o país caísse em uma situação revolucionária. Para o PCF, era uma questão de vida ou morte. O programa de autogestão do movimento é a antítese exata da ditadura soviética: é um movimento baseado na democracia direta. Por toda parte, os trabalhadores começam a se organizar em assembleias gerais e a questionar o poder dos delegados sindicais. Mas acima de tudo, foi uma greve espontânea: os sindicatos só pediram uma greve geral para tentar enquadrar um movimento que já estava em andamento. Além disso, os trabalhadores não se contentaram em simplesmente entrar em greve, também ocuparam seu local de trabalho. Todos os locais de trabalho estão ocupados, assim como as escolas secundárias e universidades. As condições estavam, portanto, maduras para que a população pudesse reiniciar a produção em bases comunistas e autogeridas. Portanto, estávamos claramente em uma situação revolucionária. Em 27 de maio, os sindicatos apressaram-se a assinar um acordo com o governo para acabar com a greve: o salário mínimo

foi aumentado em 35%. Este acordo foi imediatamente rejeitado pela base, que votou no mesmo dia para continuar a greve. Mas a partir de junho, os sindicatos pediram o retorno ao trabalho e a polícia começou a evacuar as fábricas e os prédios ocupados. A realidade é que a maioria da população não estava pronta para embarcar em um caminho revolucionário. Mas uma minoria manterá as ocupações até 17 de junho: é esta minoria que expressa a autonomia do movimento em relação ao PCF e aos sindicatos. Esta autonomia operária é organizada na Coordenação dos Comitês de Ação. Estes Comitês de Ação exigem claramente uma revolução autogerida. Finalmente, a ordem foi restabelecida a partir de 17 de junho: a revolução de Maio de 68 havia falhado, mas deixaria sua marca nos anos vindouros. Ainda hoje, a maioria das expressões revolucionárias são diretamente inspiradas por Maio de 68. Inquestionavelmente, Maio de 68 foi a forma mais radical de autonomia dos trabalhadores já expressa na história. Maio de 68 também significa o início do fim para o PCF e a URSS. De agora em diante, um movimento comunista internacional expressa claramente sua oposição ao regime soviético. Este movimento revolucionário continuou durante toda a década de 1970, mas acabou por entrar em colapso com a reestruturação do capitalismo ocidental. Este movimento revolucionário infligiu duros golpes aos partidos pró-soviéticos, e provavelmente contribuiu para a decomposição do regime soviético antes de seu colapso final em 1991. Para o PCF, Maio de 68 é, portanto, um sinal de declínio: um declínio inexorável do qual o partido nunca se recuperará. Ao longo dos anos 70, o partido teve de enfrentar as agressões da extrema esquerda.

Breno Santos: Diante do trabalho de Alain Touraine, que trata do fenômeno da insurreição dos diferentes movimentos nos anos 60 e 70, houve uma aproximação entre os movimentos autonomistas no âmbito do que ele chama de “Novos Movimentos Sociais”?

Sébastien Schifres: Sim, claro, é o que se chama Autonomia desejante. É uma corrente que surgiu na Itália a partir de 1972, em torno de Franco Berardi e do jornal *A-Traverso*. Franco Berardi rompe com o

marxismo depois de ler *O anti-Édipo* de Gilles Deleuze e Félix Guattari. As teses de Deleuze e Guattari estão de acordo com o pensamento de Michel Foucault sobre a dimensão cultural e antropológica do capitalismo, que não é mais analisada apenas em termos econômicos, mas também em termos psicanalíticos. Esta abordagem foucaultiana torna possível não mais considerar a luta contra o capitalismo apenas como uma luta de classes, mas também como uma luta antipatriarcal. A Autonomia desejante afirma-se assim como um movimento feminista, homossexual, juvenil e antipsiquiátrico. Trata-se de uma revolta contra a instituição da família: contra o poder dos homens sobre as mulheres, contra o poder dos pais sobre seus filhos, e contra a norma heterossexual. Mas, mais amplamente, é uma revolta contra todas as normas sociais, quer impostas pela escola, pela igreja ou pela psiquiatria. A Autonomia desejante tem seu máximo alcance na Itália em 1976 com a experiência da Rádio Alice. Na França, o grupo Margem também reivindicou, ao mesmo tempo, a Autonomia desejante. Como seu nome indica, Margem pretendia reunir todas as pessoas marginalizadas: posseiros, bandidos, prostitutas, homossexuais, travestis, prisioneiros, pacientes psiquiátricos e viciados em drogas. Portanto, há uma grande diferença com a Autonomia desejante italiana, uma vez que o grupo *A-Traverso* é um grupo de intelectuais. Outra diferença entre *Margem* e *A-Traverso* é que o grupo italiano é de origem marxista enquanto o grupo francês é claramente anarquista. Na tradição do operário, *A-Traverso* considera que as profissões técnicas desempenham um papel de vanguarda no processo revolucionário na reapropriação das ferramentas a serviço do capitalismo. *Margem* não está de modo algum nesta perspectiva. Para *Margem*, pelo contrário, a revolução só pode vir de categorias sociais fora do processo de produção. *Margem* é um grupo lumpenista, ou seja, um grupo que se refere ao que Marx chamou de lumpen-proletariado: a classe dos desempregados, dos bandidos e dos criminosos. Entretanto, as diversas lutas autônomas que podem ser associadas ao que Touraine chama de “novos movimentos sociais” não se limitam à esfera da Autonomia desejante, pois também

podem incluir movimentos estudantis e de ensino médio, coletivos de bairro, grupos de ocupação, movimentos de desempregados, lutas de prisioneiros e o movimento antinuclear. Com o abandono das lutas dos trabalhadores, podemos dizer que o movimento autônomo todo se comuta nos anos 80 nos novos movimentos sociais, seja na Itália, na França ou na Alemanha. Pode-se até mesmo dizer que a Autonomia alemã sempre fez parte inteiramente dos novos movimentos sociais, pois nunca teve qualquer vínculo com o movimento operário.

Breno Santos: Muito antes de Maio de 68, havia grandes tensões no campo revolucionário. Podemos mencionar as diferenças explícitas dos movimentos anarquistas em relação ao socialismo científico de Marx e Engels na Primeira Internacional, a resistência de vários soviets ao centralismo democrático bolchevique (cito para ilustrar a resistência makhnovista, a revolta de Kronstadt e as críticas ao burocratismo de Alexandra Kollontai), o espartaquismo influenciado pelas formulações críticas da marxista Rosa Luxemburgo ao centralismo democrático e às tendências de burocratização, etc. Você vê uma ligação entre os movimentos autonomistas dos anos 70 e a experiência destes precursores, em maior ou menor grau, da ideia de autonomia e auto-organização?

Sébastien Schifres: Não, não há filiação entre essas correntes anarquistas ou ultra-esquerdistas e a Autonomia dos anos 70. Isto é bastante óbvio com relação à Autonomia italiana, já que os autonomistas italianos vieram diretamente do Partido Comunista. Podemos encontrar apenas uma referência ao anarquismo em alguns autonomistas franceses do grupo *Margem* ou da *Organização Comunista Libertária* (OCL), mas estas são referências históricas muito distantes, porque, nos anos 70, os velhos militantes que poderiam ter conhecido Nestor Makhno em sua juventude provavelmente já estavam todos mortos.

Breno Santos: Para concluir, as últimas décadas foram marcadas pela ascensão do neoliberalismo, o desmantelamento dos direitos sociais da classe trabalhadora e a crise dos movimentos operários

diante da metamorfose do “mundo do trabalho”. Como você avalia os movimentos autonomistas de hoje? Você incluiria entre eles a comuna zapatista e a rebelião curda?

Sébastien Schifres: Nos anos 80, os autônomos abandonaram a luta armada e as lutas dos trabalhadores para se concentrarem no movimento de ocupações. A partir dessa época até os anos 2000, a Autonomia poderia, portanto, ser definida essencialmente como um movimento de ocupação. Mas com a repressão do movimento dos ocupantes e o surgimento de temas anti-industriais, as coisas mudaram significativamente nos anos 2010. Assistimos de fato ao surgimento das *Zones à Défendre* (ZAD) durante os últimos dez anos, particularmente na França em Notre-Dame-des-Landes. As ZADs vão mais além do que a ocupação, já que se trata de se opor a uma obra pública ocupando um terreno na maioria das vezes localizado em uma área rural. Em Notre-Dame-des-Landes, para evitar a construção de um aeroporto, os *zadistas* ocupam uma vila inteira há mais de dez anos. O Estado francês finalmente desistiu da construção deste aeroporto e legalizou parte dos ocupantes. Mas esta ocupação vai muito longe, pois implica uma reapropriação de terras, o desenvolvimento da agricultura e do artesanato local, solidariedade entre os ocupantes, trocas de bens e serviços fora das relações comerciais... Esta ocupação pode, portanto, ser considerada como o início da coletivização e da autogestão. Um movimento semelhante também existe na Itália com a oposição à construção de uma nova linha de trem entre Lyon e Turim. Desde 2018, os autonomistas franceses deram um salto qualitativo. Se antes eles sempre estiveram confinados a uma certa marginalidade, agora marcham à frente das manifestações, diante dos sindicatos. Este é um ponto de viragem histórico: os sindicatos não são mais capazes de controlar as manifestações, são os Black Blocks que agora ocupam uma posição central. Os Black Blocks representam agora o componente de tumulto do movimento autônomo, e são assim chamados por causa das roupas pretas que seus membros adotaram para tornar mais difícil para a polícia identificá-los. Desde os anos 2000, os autonomistas

franceses se reorganizaram em três tendências principais: os anti-industriais, os tiqquniens⁵ e os comunistas. Os anti-industriais consideram que a luta contra o capitalismo está agora ultrapassada e que se trata de questionar a sociedade industrial como um todo e as tecnologias que dela surgiram. Com a mudança climática e o colapso da biodiversidade, as questões anti-industriais estão se tornando cada vez mais relevantes. Os tiqqunianos são os herdeiros da Autonomia desejante e do pensamento de Michel Foucault: eles rejeitam a luta de classes em favor de uma abordagem existencial, raciocinando em termos de alienação. Para eles, o comunismo passa por uma crítica à sociedade de consumo que deveria levar ao colapso da civilização. Os tiqqunianos e os anti-industriais representam as tendências mais libertárias da Autonomia francesa. Os comunistas representam uma corrente marxista centrada no comunismo imediato, ou seja, a abolição das relações de mercado e a rejeição da fase de transição socialista. Esta corrente tem a peculiaridade de estar presente tanto no movimento de ultra-esquerda quanto no movimento autonomista. Os comunistas de ultra-esquerda se referenciam na tradição anti-autoritária do movimento operário, mas romperam com o conselhismo para evoluir em direção a uma concepção mais espontaneísta. Os comunistas autonomistas, por outro lado, representam uma tendência mais autoritária centrada na delinquência revolucionária e nas lutas anticarcerárias. Ao lado dessas três grandes correntes da Autonomia francesa, três outras tendências menos importantes também devem ser mencionadas: os negristas, as feministas e os anarquistas insurrecionistas. Os negristas estão sempre concentrados na demanda por renda garantida. Há relativamente poucos deles na França. Na Itália, por outro lado, existe uma verdadeira divisão entre negristas e insurrecionistas. Os negristas italianos de fato abandonaram as práticas de motins. Eles se dissociaram dos Black Blocks e agora defendem um

⁵ Trata-se de uma tendência das correntes do autonomismo particularmente europeia e herdeira do periódico Tiqqun.

leninismo baseado na desobediência civil e na não-violência. No que diz respeito aos zapatistas e aos movimentos curdos, não creio que eles possam ser incluídos no movimento autonomista porque são situações locais que estão muito distantes da realidade europeia. O movimento autonomista se construiu como um componente da extrema esquerda italiana, francesa, espanhola e alemã. Esta é uma tendência que não existe, que eu saiba, em outros países. Não se trata de uma ideologia facilmente identificável e exportável em todo o mundo, como é o caso do anarquismo, do trotskismo ou do maoísmo, que têm uma dimensão internacional. O movimento autonomista não se define como uma ideologia. Ele está intrinsecamente ligado à história da extrema esquerda na Europa Ocidental. Há autonomistas na Alemanha e Itália, mas não há autonomistas na Grécia, Inglaterra ou Polônia, porque esses países têm uma história política muito diferente. Portanto, sob estas condições, qualquer comparação internacional me parece a priori arriscada. Entretanto, no caso do movimento autonomista brasileiro, a comparação com os movimentos europeus me parece possível porque podemos observar certas semelhanças entre estes dois movimentos, em particular através da exigência de gratuidade e do discurso sobre autonomia em relação aos partidos políticos. A comparação também me parece possível com os antifascistas americanos que retomam os códigos dos autonomistas alemães.